



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.42.116.AO15>

## **Socialização étnico-racial parental: contribuições para o bem-estar e desenvolvimento de crianças e jovens**

*Parental ethnic-racial socialization:  
contributions to the well-being and development of children and youth*

*Socialización étnico-racial parental:  
contribuciones para el bienestar y desarrollo de niños y jóvenes*

---

Ueliton Santos Moreira-Primo  
Universidade Federal de Sergipe  
<https://orcid.org/0000-0001-7784-5341>  
[welitomoreirap@gmail.com](mailto:welitomoreirap@gmail.com)

Dalila Xavier de França  
Universidade Federal de Sergipe  
<https://orcid.org/0000-0002-0431-3034>

### Resumo

O diálogo entre pais e filhos sobre raça e etnia é denominado de “socialização étnico-racial”. Existem evidências de que esse tipo de socialização produz consequências importantes no bem-estar e desenvolvimento de crianças e jovens. A maioria das pesquisas nessa área se concentrou nos pais como agentes socializadores e foi realizada com diferentes grupos étnico-raciais dos Estados Unidos. Este trabalho tem como objetivo apresentar uma síntese das principais descobertas da literatura internacional sobre a socialização étnico-racial parental. Especificamente, buscou-se descrever as principais mensagens sobre raça e etnia que os pais transmitem aos filhos, seus fatores explicativos e um arcabouço empírico acerca das suas consequências para o bem-estar e desenvolvimento infantojuvenil. Foi possível evidenciar que determinadas práticas de socialização étnico-racial cumprem um papel protetivo no bem-estar psicossocial de crianças e jovens pertencentes a grupos étnico-raciais minorizados. Observa-se que práticas parentais que incentivam a valorização da diversidade étnico-racial e promovem diálogos sobre racismo podem auxiliar crianças e jovens a desenvolverem uma maior apreciação pela diversidade e a lidarem de maneira mais eficaz com experiências de preconceito. Conclui-se que este trabalho, ao fornecer uma ampla compreensão da socialização étnico-racial parental, pode servir de base para orientar o planejamento de futuras pesquisas e intervenções no Brasil.

**Palavras-chave:** socialização étnico-racial; família; desenvolvimento infantojuvenil; racismo.

### Abstract

*The dialogue between parents and their children about race and ethnicity is referred to as "ethnic-racial socialization". There is evidence that this type of socialization has significant consequences for the well-being and development of children and youth. Most research in this area has focused on parents as socializing agents and has been conducted with ethnic-racial groups in the United States. This study aims to present a synthesis of the main findings from international literature on parental ethnic-racial socialization. Specifically, we sought to describe the main messages about race and ethnicity that parents transmit to their children, their explanatory factors, and an empirical framework about their consequences for the well-being and development of children and youth. It was evidenced that specific ethnic-racial socialization practices play a protective role in the psychosocial well-being of children and youth belonging to minoritized ethnic-racial groups. It is observed that parental practices encouraging the appreciation of ethnic-racial diversity and fostering dialogues about racism can assist children and youth in developing a greater appreciation for diversity and managing experiences of prejudice more effectively. It is concluded that this work, by providing a comprehensive understanding of parental ethnic-racial socialization, can serve as a foundation to guide the planning of future research and interventions in Brazil.*

**Keywords:** ethnic-racial socialization; family; development of children and youth; racism.

### Resumen

*El diálogo entre padres e hijos sobre raza y etnia se denomina “socialización étnico-racial”. Hay evidencias de que este tipo de socialización tiene consecuencias importantes en el bienestar y desarrollo de niños y jóvenes. La mayoría de las investigaciones en esta área se han centrado en los padres como agentes socializadores y se han realizado con grupos étnico-raciales en los Estados Unidos. Este estudio tiene como objetivo presentar una síntesis de los principales hallazgos de la literatura internacional sobre socialización étnico-racial parental. Específicamente, se buscó describir los principales mensajes sobre raza y etnia que los padres transmiten a sus hijos, sus factores explicativos y un marco empírico sobre sus consecuencias para el bienestar y desarrollo infanto-juvenil. Fue posible evidenciar que ciertas prácticas de*

*socialización étnico-racial cumplen un papel protector en el bienestar psicosocial de niños y jóvenes pertenecientes a grupos étnico-raciales minorizados. Se observa que las prácticas parentales que fomentan la valorización de la diversidad étnico-racial y promueven diálogos sobre el racismo pueden ayudar a que los niños y jóvenes desarrollen una mayor apreciación por la diversidad y manejen de manera más efectiva las experiencias de prejuicio. Se concluye que este trabajo, al proporcionar una comprensión amplia de la socialización étnico-racial parental, puede servir como base para guiar la planificación de futuras investigaciones e intervenciones en Brasil.*

**Palabras clave:** *socialización étnico-racial; familia; desarrollo infanto-juvenil; racismo.*

---

## Introdução

Em diversas sociedades, experiências de racismo, preconceito e discriminação são uma ameaça ao bem-estar de crianças e jovens, especialmente daqueles pertencentes a grupos étnico-raciais minorizados, como negros, indígenas e ciganos. Esses grupos são conhecidos como minorias sociais, pois detêm menor poder na sociedade em comparação a grupos majoritários ou dominantes, a exemplo dos brancos (Lima, 2020). No Brasil, o racismo é considerado um fator de risco para a infância e a juventude minorizada, causando danos ao desenvolvimento físico, social e psicológico (Moreira-Primo & França, 2020). A fim de reduzir o racismo e de promover relações intergrupais mais positivas, especialistas buscam compreender os processos pelos quais as crianças e os jovens aprendem o significado de pertencer a um grupo étnico-racial e a enfrentar os desafios associados a esse pertencimento. Esses processos são conhecidos como “socialização racial” ou “socialização étnica” (Hughes & Chen, 1997).

No plano conceitual, o termo “socialização racial” originou-se nos estudos com famílias negras estadunidenses, com destaque a temas que envolviam o conceito de “raça”, como racismo, preconceito e discriminação racial. Já o termo “socialização étnica” originou-se nos estudos com imigrantes latinos, asiáticos e grupos caribenhos nos Estados Unidos, tendo se concentrado em temas que envolviam o conceito de “etnia”, como cultura, língua nativa e nacionalidade (Hughes et al., 2006). Atualmente, passou-se a adotar nos estudos o termo “socialização étnico-racial”, visto que, muitas vezes, os conceitos de raça e etnia costumam estar interligados. De modo que, tanto em grupos raciais quanto em grupos étnicos, o conteúdo da socialização pode se referir tanto à raça quanto à etnia. Para efeito de melhor compreensão e abrangência, o termo “socialização étnico-racial” será utilizado ao longo do texto.

A socialização étnico-racial pode ser entendida como os processos e os meios utilizados pelas instituições de socialização (e.g., família, escola) e seus agentes socializadores (e.g., pais, professores) para produzir nas crianças e nos jovens a consciência do pertencimento a um grupo étnico-racial, bem como para fornecer estratégias proativas e protetivas para lidar com o preconceito contra grupos estigmatizados (França & Silva, 2021). Estudiosos dessa área buscam responder a uma série de questões, tais como: Em que momento as crianças aprendem o significado de pertencer a um grupo étnico-racial? Como e quando pais e professores comunicam informações sobre raça/etnia, preconceito e racismo? Quais as consequências dessas informações para o bem-estar e desenvolvimento de crianças e jovens?

Em sociedades marcadas pelo racismo e pelo preconceito, como a brasileira, o estudo da socialização étnico-racial é essencial para compreender a formação e as implicações das identidades étnico-raciais, bem como para o desenvolvimento de estratégias interventivas com foco no combate ao racismo e na valorização da diversidade étnico-racial. Além disso, essa área do conhecimento busca fornecer suporte a pais e a outros adultos, equipando-os com conhecimentos e habilidades para desenvolver diálogos educativos e protetivos com crianças e jovens sobre questões relacionadas à raça e etnia. Isso envolve a incorporação de temas como conhecimento sobre diversos grupos étnico-raciais, senso de pertencimento e orgulho, celebração das diferenças, consciência das desigualdades e enfrentamento ao racismo.

Neste trabalho, realiza-se um percurso do estado da arte da literatura internacional, visando contribuir para o fornecimento de informações e evidências sobre os processos de socialização étnico-racial parental e das suas consequências para o bem-estar e desenvolvimento infantojuvenil. Esse conjunto de informações e evidências pode ser particularmente benéfico para pais, professores, psicólogos, assistentes sociais, médicos e outros profissionais que atuam com crianças e jovens em sociedades marcadas por experiências estressoras de preconceito e de racismo, pois pode servir de base para que trabalhos antirracistas sejam desenvolvidos com o público infantojuvenil. Para pesquisadores brasileiros, esta revisão narrativa da literatura pode auxiliar no planejamento de futuras pesquisas e intervenções nessa área, contribuindo para o avanço do conhecimento científico e para a transformação social.

## Objetivo

O objetivo deste trabalho é apresentar uma síntese das principais descobertas da literatura internacional sobre a socialização étnico-racial parental. Mais especificamente, busca-se descrever as principais mensagens sobre raça e etnia transmitidas pelos pais aos filhos, seus fatores explicativos e o que se tem de conhecimento a nível empírico acerca das suas consequências para o bem-estar e desenvolvimento infantojuvenil.

## Método

Trata-se de um estudo de revisão narrativa da literatura. Trabalhos de revisão narrativa visam “descrever e discutir o desenvolvimento ou o estado da arte de um determinado assunto, sob ponto de vista teórico ou contextual” (Rother, 2007, p. 1). No presente trabalho, buscou-se apresentar o estado da arte dos estudos e das pesquisas realizadas na área da socialização étnico-racial, analisando como os pais promovem esse tipo de socialização e as consequências produzidas nas crianças e nos jovens.

## Resultados e Discussão

### *Socialização étnico-racial: conceito, mensagens e consequências*

A socialização étnico-racial refere-se a um conjunto de comportamentos e práticas que comunicam informações e visões de mundo sobre raça e etnia às crianças e aos jovens (Hughes, et al., 2017). Tais comunicações podem ocorrer em diversos contextos (e.g., família, escola, mídia, universidade), mas até o momento a maioria das pesquisas sobre esse tipo de socialização restringiu-se ao contexto familiar, em particular, aos pais como agentes socializadores. Nessas pesquisas, analisa-se o importante papel que eles desempenham na transmissão de significados do mundo para seus filhos, que inclui construir o significado de sua pertença a um grupo étnico-racial, ensinar a história, a cultura e os valores associados a ser membro do próprio grupo, bem como ensinar como os outros veem e tratam o seu grupo (Hughes et al., 2017).

O racismo emerge como um tema central nos estudos sobre a socialização étnico-racial, pois é um dos principais temas presentes nos diálogos sobre raça e etnia entre pais e filhos (e.g., Abaied & Perry, 2020; Bentley-Edwards & Stevenson, 2016; Burt, Simons,

& Gibbons, 2012; Harris-Britt et al., 2007; Stevenson et al., 1997; Neblett et al., 2008). Pais de crianças e jovens de grupos étnico-raciais minorizados se valem da socialização étnico-racial para proteger seus filhos dos impactos negativos do racismo, fornecendo a eles estratégias mais efetivas para que possam lidar com experiências de preconceito e desenvolver uma identidade forte e positiva. Diante disso, a literatura especializada estadunidense considera a socialização étnico-racial como um dos processos de desenvolvimento mais importantes para crianças e jovens minorizados, pois influencia a identidade étnico-racial, a saúde mental, o ajustamento psicológico, o bem-estar e os resultados escolares desses indivíduos (Bannon et al., 2009; Huguley et al., 2019; Neblett et al., 2012; Wang et al., 2020a; Wang et al., 2020b).

Foi nos Estados Unidos que os primeiros estudos sobre a socialização étnico-racial foram desenvolvidos. França e Silva (2021) observam que os estudos começaram na década de 1940, ainda não totalmente focados nos impactos do racismo na vida dos indivíduos, mas analisando como as diferenças étnico-raciais impactavam na adaptação e no ajustamento dos indivíduos. Nas décadas de 1960 e 1970, associaram-se os resultados na adaptação e no ajustamento de crianças e jovens negros ao racismo. Na década de 1980, ampliaram-se os estudos, e o conceito da socialização étnico-racial emergiu (Hughes et al., 2006). Nessa época, os estudos concentravam-se mais nas práticas de socialização de pais de crianças negras, cujas principais práticas baseavam-se na elevação da autoestima dos filhos, na promoção do orgulho racial e na preparação para o preconceito. No início da década de 1990, os processos de socialização étnico-racial de famílias asiáticas e latinas começaram a ser investigados. Nesses contextos, os estudos examinaram a ênfase que os pais colocavam na transmissão de sua cultura e língua nativa para seus filhos e as consequências de tais processos para a identidade étnica e o desenvolvimento das crianças e dos jovens (Hughes et al., 2008). Após os anos 2000, a literatura nessa área cresceu substancialmente, ampliando a investigação para outros ambientes, incluindo grupos de pares, escolas, vizinhança e universidades, e vários grupos étnico-raciais, incluindo famílias brancas (Hughes et al., 2006; Priest et al., 2014).

Com o tempo, os estudos se dedicaram a investigar mais as principais mensagens de socialização étnico-racial que os pais transmitem aos filhos, com o propósito de organizar os temas mais recorrentes sobre raça e etnia que os pais direcionam aos filhos. Ainda que qualquer mensagem específica possa conter simultaneamente dois ou mais

temas, distinções conceituais e empíricas foram realizadas. Em uma robusta revisão de literatura, Hughes e colaboradores (2006) documentaram as cinco principais mensagens: (1) socialização cultural (mensagens que enfatizam o orgulho étnico-racial, as tradições e a história); (2) preparação para o preconceito (mensagens que conscientizam a existência do preconceito e da discriminação); (3) promoção da desconfiança (mensagens que emitem avisos e advertências sobre outros grupos); (4) silêncio (não falar sobre raça, etnia e racismo) e (5) igualitarismo (mensagens que enfatizam a necessidade de valorizar todos os grupos étnico-raciais).

A organização dessas e outras mensagens tem sido importante para que as pesquisas identifiquem quais delas prevalecem nos diferentes grupos étnico-raciais e quais consequências são produzidas no bem-estar e desenvolvimento de crianças e jovens. Por essa razão, Hughes et al. (2017) sugerem aos estudiosos dessa área que, ao invés de estudar a "socialização étnico-racial", no sentido mais amplo, é importante focar nos tipos específicos de mensagens que são direcionadas às crianças e aos jovens, bem como nas consequências produzidas elas. Ao fazer isso, é importante notar que as mensagens assumem várias formas ao serem transmitidas: elas podem ser implícitas ou explícitas, verbais ou não verbais, intencionais ou não intencionais, proativas ou reativas, iniciadas pelos pais ou iniciadas pelos filhos, podendo fazer parte de uma agenda maior de criação dos filhos ou não (Hughes & Chen, 1999).

Além disso, os pais podem apresentar um conjunto variado de crenças e metas ao promover uma determinada mensagem, uma vez que eles podem fazer uso da mensagem de forma estratégica, isto é, para que se cumpra um objetivo funcional na vida de seus filhos. No entanto, nem sempre o conteúdo das mensagens é semelhante aos objetivos subjacentes a elas. Por exemplo, um pai pode proferir uma mensagem relacionada ao orgulho étnico-racial, embora o objetivo ao transmiti-la seja equipar os filhos com ferramentas para lidar com a discriminação. Assim, uma compreensão abrangente da socialização étnico-racial requer que as crenças e as práticas dos pais sejam examinadas como variáveis distintas (Hughes et al., 2008).

A seguir, apresenta-se um conjunto de evidências sobre as principais mensagens de socialização étnico-racial parental e um arcabouço empírico das suas consequências para o bem-estar e desenvolvimento infantojuvenil. Posteriormente, é apresentada uma seção com um conjunto de fatores que condicionam a transmissão dessas mensagens.

### ***1. Socialização Cultural***

A socialização cultural refere-se às mensagens que os pais transmitem aos filhos sobre a história, a cultura, os costumes e as tradições dos grupos étnico-raciais. Contar histórias sobre a raça ou etnia de origem, ler livros sobre a cultura de origem, realizar leituras de livros infantis com personagens protagonistas do grupo de pertença, celebrar datas marcantes para a cultura, promover o uso da língua da cultura de origem e estimular o sentimento de orgulho são alguns exemplos das práticas de socialização cultural (Hughes et al., 2006).

A socialização cultural é uma ênfase mais saliente nos processos de socialização de famílias de grupo étnico-raciais minorizados, visto que nessas famílias os pais geralmente ensinam sobre a história e as tradições de seu grupo étnico-racial com o propósito de inculcar um sentimento de orgulho, elevar a autoestima dos filhos ou manter “viva” a sua cultura ou língua nativa. Nos Estados Unidos, quando pais de crianças e jovens minorizados são questionados sobre suas práticas de socialização étnico-racial, promover o orgulho étnico-racial e o conhecimento da história, da cultura e das tradições do próprio grupo estão entre as primeiras práticas de que eles mencionam na criação dos seus filhos (Hughes et al., 2017).

Os pais costumam expressar um conjunto diversificado de crenças e metas para transmitir a socialização cultural aos filhos. Por exemplo, conforme Hughes et al. (2008), para pais negros, latinos e chineses americanos, as crenças e metas da socialização cultural estão mais centradas em promover no filho o autoconhecimento (e.g., saber quem é, de onde veio, sentir orgulho de quem é e das suas origens), a manutenção de valores culturais (e.g., respeito pelos mais velhos, proximidade familiar, espiritualidade e religião, altruísmo). Entretanto, para pais negros, em particular, a socialização cultural também visa equipar os filhos com estratégias de resistência ao racismo.

A perspectiva predominante na literatura especializada é a de que a socialização cultural desempenha um papel protetivo no desenvolvimento e bem-estar infantojuvenil, especialmente de grupos étnico-raciais minorizados. Por exemplo, Hoxha (2010) observou, numa amostra de adolescentes latinos, que a prevalência de mensagens sobre herança cultural e histórica da etnia dos adolescentes estava associada positivamente com a autoestima e o afeto pessoal dos adolescentes em relação ao seu próprio grupo étnico, o que possibilitou o fortalecimento de suas identidades e uma maior estima dos



adolescentes em relação ao seu próprio grupo étnico. Um estudo de meta-análise indicou que a promoção da socialização cultural, realizada por pais de diferentes grupos étnico-raciais minorizados, produz o fortalecimento da identidade étnico-racial, o autoconceito positivo e a elevação da autoestima dos filhos (Huguley et al., 2019).

Outros estudos evidenciam que a socialização cultural atua como fator de proteção contra ansiedade, sintomas depressivos, estresse e exposição a fatores de risco para a saúde mental de crianças e jovens pertencentes a grupos étnico-raciais minorizados (Bannon et al., 2009; Liu & Lau, 2013; Neblett et al., 2008), bem como possibilita maior resiliência contra a discriminação (Brown & Tylka, 2011), melhor satisfação geral com a vida (Hoxha, 2010) e contribui para a obtenção de resultados escolares e acadêmicos mais favoráveis (Banerjee, Byrd, & Rowley 2018; Del Toro & Wang, 2022; Hughes et al., 2009; Wang et al., 2020b).

Além disso, a socialização cultural é uma importante ferramenta para ampliar o conhecimento das crianças brancas sobre diferentes culturas e grupos étnico-raciais, além do seu próprio. Por exemplo, a apresentação positiva da história, das tradições e da cultura de grupos como negros, quilombolas, indígenas e ciganos a crianças brancas pode contribuir para que elas compreendam a importância da multiculturalidade e do respeito às diferenças. Isso, por sua vez, pode levar à redução do racismo e do preconceito contra os grupos étnico-raciais minorizados (Algarve, 2004; Atkin & Ahn, 2022; Doria, França, & Lima, 2021; França, Silva, Oliveira, & Moreira-Primo, 2022; Vittrup & Holden, 2011).

## **2. *Preparação para o preconceito***

A preparação para o preconceito refere-se às mensagens dos pais que buscam promover a conscientização de seus filhos sobre a existência e as experiências de discriminação e preconceito. Muitas vezes, essas mensagens também fornecem estratégias sobre como lidar com essas experiências. Assim como a socialização cultural, a preparação para o preconceito é uma ênfase mais presente nos processos de socialização de grupos étnico-raciais minorizados e geralmente ocorre numa tentativa dos pais de proteger seus filhos de episódios de discriminação e de ajudá-los a enfrentar essas ocorrências. Tais conversas surgem iniciadas pelos pais ou pelos filhos, e são distinguíveis em termos de serem reativas ou proativas (Hughes & Chen, 1999). De forma reativa, os pais conversam com os filhos em alusão à ocorrência de fatos discriminatórios

específicos, sem planejamento prévio de socialização, discutindo o tema após a ocorrência, por exemplo, de uma vivência pessoal de racismo ou quando situações de racismo são transmitidas na mídia. De forma proativa, os pais conversam com os filhos sobre experiências que eles esperam que seus filhos venham a encontrar, e buscam fornecer habilidades para que eles saibam lidar com essas experiências.

Em estudo com 157 pais de crianças e adolescentes negros de 4 a 14 anos de idade, Hughes e Chen (1997) notaram que a frequência de mensagens de preparação para o preconceito tende a ser significativamente menor do que mensagens de socialização cultural. Muitas vezes, a baixa adesão às mensagens de preparação para o preconceito ocorre em razão da incerteza dos pais se as discussões com os filhos sobre discriminação são benéficas ou prejudiciais, ou por conceberem que falar sobre o racismo sofrido pode ser muito doloroso ou desconfortável para discutir com os filhos. Por outro lado, há pais que defendem que o ensinamento sobre a discriminação e o preconceito deve fazer parte da socialização de crianças e jovens minorizados, para que seus filhos estejam preparados para lidar com experiências de discriminação e de preconceitos que possivelmente encontrarão (Hughes et al., 2017).

Ao compreender que experiências de preconceito podem ter impactos emocionais, alguns pais recorrem a estratégias para orientar seus filhos nessas situações, incentivando-os a buscar apoio, proteção e segurança em alguém de confiança. Por exemplo, Stein et al. (2021) destacam cinco estratégias utilizadas por pais de crianças e jovens negros, latinos e asiático-americanos: (1) respirar fundo, sair da situação com segurança e encontrar alguém para conversar sobre a injustiça; (2) respirar fundo e traçar um plano de quem pode te ajudar; (3) focar em permanecer seguro, procurar ou acompanhar uma autoridade e depois lidar com a injustiça; (4) respirar fundo, dar uma resposta forte e confiante ao colega agressor e depois ir embora com um amigo; (5) afastar-se, respirar fundo e falar com um adulto com quem você se sente à vontade, pois na escola existem regras e esse tipo de *bullying* não é aceitável. Essas orientações são ferramentas utilizadas pelos pais com o propósito de auxiliar os filhos a lidarem com experiências de preconceito e discriminação, visando atenuar o impacto emocional gerado e evitar que os filhos se sintam impotentes nessas ocasiões.

Na preparação para o preconceito, os pais podem expressar diversas crenças e metas. Hughes et al. (2008) registraram três principais classes. Na primeira, denominada

de “fornecendo ferramentas para o sucesso”, os pais acreditam que fornecer informações aos filhos sobre a causa e os efeitos da discriminação pode servir como um incentivo ao trabalho árduo e, conseqüentemente, ao sucesso acadêmico e profissional, uma vez que os filhos buscariam compensar os estereótipos negativos e as baixas expectativas sociais do seu grupo por meio de mais esforços e dedicação. Na segunda, denominada de “reforçando os recursos psicológicos”, os pais presumem que estimular a autoconfiança, a determinação e o otimismo quanto ao futuro, através da preparação proativa para o preconceito, pode garantir o preparo psicológico dos filhos diante da discriminação que enfrentarão, amortecendo seu impacto. Na terceira classe, “protegendo as emoções dos jovens”, os pais visam proteger as emoções dos filhos diante das experiências inesperadas de discriminação; eles se preocupam com as emoções despertadas nos filhos nessas experiências e buscam a proteção do seu estado emocional.

Até o momento, a maioria dos estudos associa a preparação para o preconceito como um fator protetivo para a infância e a juventude minorizada, que pode elevar o desempenho acadêmico, a autoeficácia e prevenir sintomas depressivos em adolescentes negros (Bowman & Howard, 1985; Hughes & Chen, 1999; Stevenson, Reed, Bodison, & Bishop, 1997). Outros estudos encontraram uma correlação positiva entre a exposição a essas mensagens e o aumento na resistência de jovens minorizados (e.g., negros, latinos, asiático-americanos) ao tratamento negativo de outras pessoas e no desenvolvimento de estratégias para lidar com o racismo e a discriminação (e.g., Neblett et al., 2012; Phinney et al., 1995). Entre os jovens que relataram ter experienciado discriminação racial, a preparação para o preconceito foi associada a menos comportamentos delinquentes (Burt, Simons, & Gibbons, 2012) e maior autoestima (Harris-Britt et al., 2007). Por outro lado, Hughes et al. (2009) chamam a atenção para possíveis efeitos negativos da preparação para o preconceito na autoestima e nos resultados escolares de crianças e jovens minorizados, uma vez que tais mensagens podem incutir neles uma sensação de falta de controle sobre seu ambiente, podendo levá-los, por exemplo, a se desligarem de atividades escolares e a diminuição da sua autoestima. Em alguns casos, a preparação para o preconceito pode comprometer a saúde mental e emocional, resultando em mais pessimismo e menos otimismo com a vida, como evidenciado por Liu e Lau (2013).

Outros estudos demonstraram uma relação entre a frequência em que os jovens são expostos a mensagens de preparação para o preconceito e as conseqüências

produzidas. Por exemplo, Harris-Britt et al. (2007) e Hughes et al. (2017) evidenciaram, em amostras de jovens negros estadunidenses, que a preparação para o preconceito atua como fator protetivo em níveis moderados (em oposição a níveis baixos ou altos) de frequência. Isto é, os autores notaram que pais que evitam discussões sobre discriminação (ou seja, baixa preparação para o preconceito) deixam seus filhos despreparados face a experiências discriminatórias vivenciadas. Por outro lado, super enfatizar a probabilidade de ser discriminado (ou seja, alta preparação para o preconceito) pode incutir a expectativa de discriminação e predispor o jovem ao sofrimento por antecipação. Para os autores, as discussões sobre discriminação, em nível moderado, podem ajudar as crianças e os jovens a gerenciar adequadamente suas experiências e se protegerem, mantendo visões positivas de si mesmos e sua autoestima equilibrada.

Sob outra perspectiva, Wang e Huguley (2012) analisaram os efeitos das mensagens de socialização étnico-racial na escola e o sucesso educacional de adolescentes negros. Os autores afirmam que mensagens combinadas de preparação para o preconceito e de socialização cultural enfraquecem os efeitos da discriminação racial na escola, elevando o sucesso educacional dos adolescentes. Similarmente, Stevenson, Herrero-Taylor, Cameron e Davis (2002) observaram que a associação de mensagens promotoras do orgulho racial e a preparação para o preconceito reduziu a frequência de comportamentos agressivos em meninos de amostra semelhante. Ambos os estudos indicam que a combinação entre a socialização cultural e a preparação para o preconceito pode atuar de forma mais positiva do que a preparação para o preconceito isoladamente. Efeitos positivos entre o equilíbrio de mensagens de socialização cultural e de preparação para o preconceito também têm sido observados por pesquisadores que conduzem intervenções em socialização étnico-racial (e.g., Stein et al., 2021).

### ***3. Promoção da desconfiança***

Mensagens que promovem desconfiança, distância social, advertência e cuidado na interação com indivíduos de outros grupos étnico-raciais fazem parte da ênfase denominada de promoção da desconfiança. O incentivo dos pais para que seus filhos mantenham distância social e desconfiança nas relações sociais com indivíduos pertencentes a determinado grupo étnico-racial ou pais que interferem nos relacionamentos com os pares dos seus filhos (e às vezes futuros parceiros matrimoniais),

incentivando a preferência dos relacionamentos intragrupais (isto é, dentro do grupo) em vez de relacionamentos intergrupais (isto é, entre grupos), são alguns exemplos de promoção da desconfiança. Esta ênfase é comumente relatada por pais de qualquer origem étnico-racial (Hughes et al., 2006, 2008).

A promoção da desconfiança está relacionada com a preparação para o preconceito. No entanto, tanto no plano conceitual quanto no empírico, elas são diferentes. Uma diferença é que na desconfiança, geralmente, não se oferece à criança orientação sobre como lidar com a discriminação (Hughes et al., 2006). Além disso, diferentemente de como ocorre na preparação para o preconceito, a promoção da desconfiança tende a surgir em conversas breves ou em comentários isolados, sem ter sido o foco intencional da conversa (Hughes et al., 2008). Em razão disso, as evidências da promoção da desconfiança não surgem com frequência nas entrevistas realizadas com pais, e quando surgem estão implícitas, e não abertamente. Segue-se que os pais raramente articulam um conjunto abrangente de crenças ou metas para transmissão dessas mensagens, estando a literatura limitada a identificar conjuntos únicos de crenças e metas subjacentes a esse tipo de socialização (Hughes et al., 2008).

A literatura sobre as consequências da promoção da desconfiança também é limitada. Isto pode estar relacionado ao fato de que poucos pais admitem transmitir essas mensagens aos seus filhos. Por exemplo, Hughes e Chen (1997), em suas entrevistas com pais de crianças e adolescentes negros estadunidenses, verificaram que poucos pais referiram emitir mensagens de promoção da desconfiança, ficando bem abaixo daqueles que afirmam promover a socialização cultural e a preparação para o preconceito. A promoção da desconfiança era mais emitida por aqueles pais que percebiam mais a ocorrência de discriminação institucional, como forma de estratégia reativa às fontes institucionais de discriminação (e.g., desigualdades raciais em salários, benefícios, atribuições de trabalho e oportunidades de promoção), de modo que os pais que se sentiam impotentes em relação a mudanças em suas condições alertavam seus filhos para desconfiarem das barreiras que impedem o sucesso.

Para alguns pais, a promoção da desconfiança é vista como uma forma de proteger os seus filhos do preconceito e da discriminação que eles podem ser vítimas. Em alguns casos, os pais orientam os filhos a desenvolverem amizades ou futuros parceiros íntimos ou matrimoniais intragrupos, em vez de intergrupos. Por exemplo, Hughes et al. (2008)

verificaram que alguns pais negros encorajam seus filhos a se manterem mais próximos de outras crianças negras, para que possam desenvolver amizades e “conectar-se” com elas, sobretudo em lugares em que a quantidade de crianças negras é menor. Alguns pais acreditam que o *status* comum como minoria étnico-racial pode ajudar as crianças negras a lidarem juntas em situações em que alguma delas venha a ser vítima de preconceito.

No contexto de futuros parceiros íntimos ou matrimoniais, alguns pais negros expressam preocupação de que seus filhos possam enfrentar discriminação em relacionamentos com pessoas brancas. Eles temem que o futuro parceiro não acolha ou compreenda adequadamente seus filhos em situações em que eles sejam vítimas de discriminação. Outros pais sugerem que seus filhos se casem com pessoas do mesmo grupo como forma de preservar determinadas tradições, a exemplo de alguns pais judeus entrevistados por Hughes et al. (2008), que expressam o desejo de que seu filho se case com alguém da mesma religião. Para os autores, embora essas mensagens sejam mais benignas do que outras manifestações de desconfiança, elas enfatizam a distinção do grupo e a preferência por relações dentro do grupo.

Na promoção da desconfiança, existem ainda mensagens que reproduzem visões negativas de determinados grupos étnico-raciais, especialmente de grupos minorizados. Pais que comunicam mensagens dessa natureza possuem visões estigmatizadas sobre esses grupos e sugerem aos filhos que mantenham distância ou tomem cuidado com eles. Por exemplo, Hughes et al. (2008) notaram que alguns jovens são orientados pelos pais a manterem distância de pessoas negras por considerá-las perigosas e criminosas. Evidentemente, mensagens dessa natureza são bastante nocivas e prejudiciais para as crianças, os jovens e para toda a sociedade, pois elas são carregadas de estereótipos negativos contra os negros e operam para fomentar o racismo, além de dificultar a construção de uma boa sociabilidade e relação respeitosa entre os grupos.

Ainda que incipientes, estudos que apontam impactos da desconfiança existem. Embora possa parecer que manter desconfiança nas relações intergrupais seja um fator de proteção para alguns membros de minorias e majorias étnico-raciais, a promoção da desconfiança pode ter consequências potencialmente prejudiciais para os indivíduos, as comunidades e a sociedade em geral. Por exemplo, para crianças e jovens brancos, mensagens que promovem a desconfiança podem fomentar ainda mais o racismo e as ações discriminatórias, além de impedir o desenvolvimento de relacionamentos positivos

entre os grupos étnico-raciais. Para crianças e jovens minorizados, a ênfase na desconfiança pode baixar a autoestima, produzir risco na saúde mental e dificultar a construção de uma identidade étnico-racial positiva (Biafora et al., 1993; Huguley et al., 2019; Kiang et al., 2019; Liu & Lau, 2013; Park et al., 2020). Todavia, a literatura sobre as consequências da promoção da desconfiança não está totalmente desenvolvida, indicando um caminho importante para pesquisas futuras.

#### 4. *Silêncio*

Outros pais se recusam a falar sobre raça e etnia, ou seja, evitam mencionar questões relativas à raça ou etnia com os filhos, e por isso essas mensagens são denominadas de silêncio. O silêncio sobre raça e etnia pode ocorrer em contextos familiares de diversos grupos étnico-raciais, e a sua razão pode ser diferente conforme o grupo étnico-racial dos pais e dos filhos. Entre os grupos étnico-racial, o silêncio sobre raça e racismo costuma estar presente no contexto de famílias brancas e, muitas vezes, reflete um comportamento favorável à manutenção do racismo na sociedade, visando defender o *status quo* e o privilégio branco, ou seja, os benefícios que o racismo favorece aos brancos, conferindo-lhes uma condição desproporcional de acesso a recursos e a oportunidades (Abaied & Perry, 2020; Hagerman, 2017).

Em outros casos, há pais que não dialogam com os filhos porque não entendem totalmente como o racismo funciona; enquanto outros se silenciam porque não se sentem à vontade ou não sabem como falar sobre essas questões com seus filhos. Existem aqueles que negam a experiência sofrida para evitar sofrimento psíquico ao falar sobre uma questão que para eles é dolorosa, ou que concebem como sem solução. Alguns pais evitam falar porque acreditam que as crianças são muito pequenas e não percebem ou entendem a questão racial. No entanto, pesquisas realizadas com crianças mostram que, na verdade, elas reconhecem a raça e desenvolvem o viés intergrupais desde muito pequenas, favorecendo o próprio grupo racial entre os três e os cinco anos de idade; e que a ausência de diálogos sobre afetos, percepções e atitudes raciais pode, ao longo do tempo, levar ao desenvolvimento de preferências endogrupais acrílicas e preconceituosas nas crianças (e.g., Aboud, 2008; Clark & Clark, 1947; França & Monteiro, 2002). Essas evidências indicam que o silêncio sobre raça não impede que as crianças percebam a raça e desenvolvam preconceito racial; apenas impede que conversas sobre raça e racismo sejam

realizadas, contribuindo, conseqüentemente, para que o racismo e o preconceito sejam mantidos e reforçados na sociedade (Lingras, 2021; Ribeiro, 2022).

Além disso, discriminações contra crianças minorizadas ocorrem desde muito cedo. Quando essas experiências ocorrem, nem todas as crianças se sentem seguras para conversar com seus pais sobre o que elas passaram. Muitas vezes por medo, insegurança, vergonha. Essas experiências costumam ser bastante dolorosas para as crianças e geram sofrimento psicológico (Moreira-Primo & França, 2020). No entanto, conversas proativas com as crianças sobre raça e etnia podem servir como fatores protetivos para elas (Bentley-Edwards & Stevenson, 2016; França, Silva, Oliveira, & Moreira-Primo, 2022). Quanto mais a criança se sentir protegida e informada pela sua família, menos impactada por essas experiências ela poderá ser. Nesse sentido, não silenciar o tema da raça e da etnia com as crianças pode fazê-las perceber que seus pais estão atentos e dão importância a esses assuntos. Isto pode fazer as crianças se tornarem mais conscientes sobre esses temas e seguras para dialogar sobre eles com os seus pais e colegas.

Nessa direção, estudos sugerem que ensinar crianças e adolescentes sobre sua própria (e outras) raça e etnia pode ter conseqüências mais positivas em seu desenvolvimento do que não falar sobre elas. Por exemplo, Spencer (1983) afirma que, em crianças de grupos minorizados, o silêncio sobre questões raciais e étnicas produz o despreparo diante de injustiças, discriminações e estereótipos que inevitavelmente encontrarão. Já Bentley-Edwards e Stevenson (2016) afirmam que as experiências interraciais são complexas e diversas, e as mensagens de socialização étnico-racial que os pais e outros adultos fornecem às crianças e aos jovens devem se adaptar a essas realidades. Para os autores, a difusão de mensagens de socialização étnico-racial de qualidade, aquelas que incluam um equilíbrio entre estratégias de apoio e de enfrentamento, pode ser mais eficaz do que ignorar e silenciar diante do racismo e das hierarquias étnico-raciais. Essas afirmações podem servir de base para orientar pais que estão hesitantes sobre a importância de falar sobre raça e etnia com seus filhos.

## **5. Igualitarismo**

O igualitarismo refere-se às mensagens que destacam a igualdade e a diversidade étnico-racial. Essas mensagens derivam do desejo de que crianças e jovens apreciem os valores e as experiências de todos os grupos étnico-raciais, bem como observem as



qualidades individuais das pessoas, em vez de sua filiação a um grupo étnico-racial. Práticas baseadas no igualitarismo podem ser observadas quando os pais decidem intencionalmente morar em um determinado bairro etnicamente diverso, ou evitar escolas etnicamente homogêneas, ou ainda quando participam de atividades multiculturais ou expõem as crianças a informações sobre outros grupos, a fim de promover sua apreciação pela diversidade (Hughes et al., 2008).

O igualitarismo é visto pelos pais como uma das formas mais importantes de mensagem de socialização étnico-racial dos seus filhos, de modo que essa ênfase prevalece em diferentes contextos, regiões e grupos étnico-raciais. Conforme Hughes et al. (2017), cerca de 80 a 90% dos pais de diferentes grupos étnico-raciais (por exemplo, branco, negro, chinês, dominicano, porto-riquenho) proferem mensagens igualitárias para seus filhos. Aspecto saliente nas falas dos pais ao questionamento sobre “o que esperam que seus filhos aprendam sobre ser de uma determinada raça ou etnia?”: que "somos todos iguais" ou "somos todos humanos".

Nos Estados Unidos, pais de crianças negras, quando promovem o igualitarismo nas conversas sobre raça e racismo com seus filhos, buscam enfatizar direitos iguais, oportunidades e humanidade compartilhada entre os grupos étnico-raciais (Doucet, Banerjee, & Parade, 2018). Por exemplo, Edwards e Few-Demo (2016), em entrevistas com 12 mães negras de crianças de 3 a 5 anos, notaram que todas elas usaram estratégias de socialização igualitária na criação de seus filhos. A promoção de mensagens igualitárias se estendia à valorização da diversidade étnico-racial em uma ampla gama de atividades, como ir ao parque, a festas de aniversário, à casa de amigos e a atividades depois da escola, proporcionando aos filhos oportunidades de contato intergrupar, amizades multirraciais e valorização da diversidade.

Pais que transmitem mensagens igualitárias podem ter muitas razões para fazer isso. Hughes et al. (2008) observaram dois tipos abrangentes de crenças que são mais evidentes nas narrativas de pais estadunidenses: as crenças no valor moral dos princípios igualitários e as crenças de que visões igualitárias servem a um propósito instrumental. Os princípios morais variam e incluem valores de justiça social (por exemplo, “a discriminação é errada”), valores religiosos (por exemplo, “somos todos filhos de Deus”) e valores humanitários (por exemplo, “somos todos humanos”). Já o propósito instrumental compreende as crenças dos pais de que seus filhos precisam ter uma

compreensão dos outros grupos étnico-raciais, para que eles consigam se relacionar e conviver em diversos ambientes educacionais e ocupacionais.

Na literatura da socialização étnico-racial, o igualitarismo é frequentemente associado à ideologia *color-blind*, isto é, a uma tentativa de negar a importância da raça e da etnia (Bonilla-Silva, 2020). Ou seja, as mensagens igualitárias muitas vezes são combinadas com a ideologia *color-blind* (por exemplo: "não importa a cor da pele, você deve tratar todos igualmente", "a cor da pele não importa, somos todos iguais, humanos ou filhos de Deus"). Quando associadas à negação da cor, mensagens igualitárias são bastante prejudiciais, pois ignoram a realidade das experiências racializadas e minimizam a necessidade de abordar o racismo. Essas mensagens trazem implicitamente a ideia de que, ao ignorar as diferenças da cor da pele das pessoas, podemos eliminar o racismo e promover relações justas para todos. Mas, na verdade, a negação da cor pode levar a uma deturpação da realidade, bem como a ignorar, permitir e até encorajar a discriminação (Castro-Atwater, 2016; Perry, Skinner, & Abaied, 2019).

Além disso, Hughes et al. (2006) afirmam que mensagens igualitárias, sem considerar o racismo na sociedade, pode deixar os jovens despreparados para lidar com a discriminação, uma vez que eles estão sendo socializados apenas para esperar o tratamento igualitário, sem informações sobre o racismo e o modo de enfrentá-lo. De acordo com Lingras (2021), muitos pais utilizam mensagens igualitárias com o intuito de minimizar diferenças e enfatizar ideias "inclusivas". No entanto, a autora argumenta que embora essas mensagens pareçam positivas e inclusivas, muitas vezes elas minimizam o papel social da raça e podem, involuntariamente, transmitir a ideia de que as diferenças raciais não precisam e não podem ser discutidas. Essas observações destacam a importância de abordar cuidadosamente as mensagens igualitárias, pois em algumas circunstâncias elas podem impedir a percepção do conflito interétnico e negligenciar a necessidade de compreender as origens do racismo e de como superá-lo.

## 6. *Color-blind*

No Brasil, o termo *color-blind* tem sido traduzido como "daltonismo racial" ou "cegueira de cor". Essa ideologia defende que não se deve falar em raça, que raça não é algo importante e que devemos ser cegos à cor. O sociólogo porto-riquenho Eduardo Bonilla-Silva foi um dos primeiros a ser crítico dessa ideologia na sociedade

estadunidense. Ele define o *color-blind* como o estilo de racismo predominante na sociedade norte-americana na era pós-movimento dos direitos civis, que nega a existência do racismo ao mesmo tempo em que o conserva sob a roupagem de ideologias liberais. Para Bonilla-Silva (2020), o *color-blind* é prejudicial para as relações humanas e sociais, pois desvia a atenção das disparidades étnico-raciais, leva a menos consciência do racismo e promove relações inter-raciais negativas.

Essa ideologia apresenta semelhanças com o mito da democracia racial, referido por Fernandes (1966), que diz respeito à crença de que, no Brasil, os grupos étnico-raciais vivem em harmonia e em cordialidade, sem a presença de conflitos e desigualdades, negando o racismo e o tratamento diferenciado, defendida por Freyre (2003). O *color-blind* também implica que a desigualdade étnico-racial é um mito. No entanto, na concepção brasileira do mito da democracia, não se nega a percepção da raça e etnia entre as pessoas, mas sim do tratamento diferenciado e do racismo; enquanto no *color-blind*, recomenda-se a não percepção da raça e etnia entre as pessoas, e assim se mantêm as diferenças de tratamento e o racismo.

O *color-blind* é uma das principais estratégias de socialização utilizadas em famílias estadunidenses, sobretudo nas brancas, pois muitas delas costumam minimizar a importância da raça e desencorajar discussões sobre racismo. Por exemplo, Pahlke, Bigler e Suizzo (2012), em pesquisa com 84 mães de crianças brancas de 4 a 5 anos, observaram que quase todas as mães adotaram abordagens *color-blind* na socialização com os filhos. As mães evitavam falar sobre diferenças raciais com as crianças, preferiam destacar que a cor não é algo importante, que o mais importante são aspectos como os “corações das pessoas” e que “para Deus todos são iguais”. Aquelas que se engajaram na socialização étnico-racial explícita eram mais propensas a falar sobre o igualitarismo e a história de outros grupos (socialização cultural).

Estudos demonstram consequências negativas do *color-blind* ao produzir uma baixa consciência em crianças e jovens brancos acerca da existência do racismo e dos seus efeitos. Por exemplo, Apfelbaum, Pauker, Sommers e Ambady (2010), em estudo experimental com 60 crianças de 8 a 11 anos (maioria branca), observaram que as crianças que foram socializadas com o *color-blind* tiveram mais dificuldade em identificar situações que se enquadram em casos de preconceitos e discriminações, e em descrever tais eventos para seus professores, do que aquelas que não foram socializadas com essa

perspectiva. Os autores concluíram que essa ideologia pode reduzir a consciência do preconceito racial pelas crianças, permitindo que até mesmo formas explícitas de discriminação passem despercebidas e fiquem sem solução.

Bartoli et al. (2016), em entrevistas realizadas com 13 famílias brancas, com pais e um dos seus filhos (de 12 a 18 anos), também notaram consequências negativas do *color-blind* na socialização familiar. Nas entrevistas com os pais, os pesquisadores descobriram que a maioria deles optou intencionalmente por socializar seus filhos sem qualquer reconhecimento consciente de raça, encorajando-os a não falar sobre raça e não notar diferenças raciais. Foi observado que a maioria dos pais instruiu os filhos a acreditar que todas as pessoas são iguais e que a cor de pele não é algo importante. Nas entrevistas com os filhos, os pesquisadores observaram que a socialização dos pais influenciou o modo como os adolescentes compreendem a raça e o racismo, uma vez que os filhos desvalorizaram a raça como uma categoria significativa na sociedade e relataram se relacionar com outras pessoas sem levar em consideração a raça ou a cor de pele delas. Para os pesquisadores, a transmissão de mensagens *color-blind* impactou a consciência dos filhos, dificultando a compreensão da dinâmica racial em suas vidas e na sociedade, bem como impediu que os adolescentes desenvolvessem habilidades necessárias para contribuir no combate ao racismo.

Bartoli et al. (2016) notaram ainda a existência de uma crença mantida pela maioria dos pais entrevistados: a de que os valores são mais importantes do que a raça. Para esses pais, respeitar os outros, independentemente de contexto, ajudar as pessoas necessitadas, o trabalho árduo e a meritocracia (isto é, a ideia de que todos têm as mesmas chances de sucesso, basta trabalhar para isso) são valores mais importantes do que notar as diferenças raciais. Um dos pais mencionou que “*em vez de ser branco, como pessoa, você tem que ser uma boa pessoa, você tem que ter sua moral, valores, ser verdadeiro consigo mesmo*”. Essa crença foi refletida em uma das respostas dos filhos: “*Não importa se você é negro, branco, oriental, masculino, feminino. Só acho que todos temos as mesmas oportunidades. Você só tem que ser disposto a sair e trabalhar por isso*”. Nota-se, nesses relatos, que o *color-blind* atua para a perpetuação do racismo, pois nega a importância do pertencimento étnico-racial na vida social, que o racismo transcende indivíduos e instituições, ou seja, é estrutural (Almeida, 2019) e transfere para os próprios indivíduos minorizados a responsabilidade pelas desigualdades que enfrentam.

## 7. *Consciência crítica da raça/etnia*

Em oposição ao *color-blind*, especialistas nessa área afirmam que os pais devem educar os filhos para uma socialização para a consciência crítica da raça e etnia. Nesse tipo de socialização, a literatura internacional se ampara nas contribuições do educador brasileiro Paulo Freire (1921-1997), que definiu a consciência crítica como um processo pelo qual grupos, comunidades e sujeitos marginalizados passam a questionar, compreender e desafiar os sistemas que os oprimem. Para Paulo Freire, tal processo é necessário para a libertação dos grupos oprimidos e para a superação das desigualdades sociais existentes (Freire, 1974).

Na literatura da socialização étnico-racial, a definição de consciência crítica da raça e etnia refere-se a mensagens que incentivam a conscientização, reflexão, agência e ação sobre a injustiça racial e étnica (Saleem & Byrd, 2021). Essa dimensão da socialização étnico-racial baseia-se na preparação para o preconceito. Todavia, na socialização da consciência crítica, em particular, os pais buscam promover uma educação antirracista, ou seja, ensinar os filhos a reconhecer a raça e a etnia como elementos que marcam as relações sociais, buscam discutir com seus filhos a história e a existência do racismo e do privilégio branco na sociedade e buscam encorajá-los ao combate do racismo e à adesão ao tratamento igualitário de direitos (Bañales et al., 2021; Hagerman, 2017; Perry, Skinner, & Abaied, 2019; Saleem & Byrd, 2021).

Um estudo de revisão da literatura, realizado por Strain (2017), observou que filhos brancos que recebem uma educação antirracista são mais propensos a reconhecer o racismo, a entender que ser branco é uma vantagem na vida cotidiana e passam a apreciar mais a diversidade étnico-racial. Outras evidências mostram que a socialização para a consciência crítica da raça e da etnia melhora as atitudes de crianças brancas em relação aos negros e estimula jovens a aderirem posturas antirracistas. Por exemplo, Vittrup e Holden (2011) testaram experimentalmente o efeito da socialização racial explícita nas atitudes raciais de 93 crianças brancas estadunidenses de 5 a 7 anos. Nas condições experimentais, os pais foram convidados a se envolver em várias conversas sobre raça com seus filhos e/ou assistir cinco vídeos educacionais relacionados à raça. Nas condições de vídeo, os pais reproduziram todos os vídeos para seus filhos. No entanto, nas condições de discussão, apenas 10% dos pais realmente se envolveram nas discussões sobre relações raciais. Quanto às atitudes raciais das crianças, foi utilizada a

escala de traços avaliativos positivos (legal, bonito, honesto, generoso, feliz) e negativos (egoísta, cruel, rude, horrível) para negros e brancos, em dois momentos, antes e depois do experimento. O conjunto dos resultados indicou melhorias nas atitudes raciais das crianças brancas em relação ao grupo negro, tanto para aquelas que assistiram aos vídeos quanto para os que tiveram discussões com seus pais.

Em outro estudo, Bañales et al. (2021) descobriram que as percepções de jovens estudantes sobre as mensagens fornecidas pela escola, que reconheciam a realidade do racismo (mensagens de consciência crítica), previram um maior envolvimento deles em ações que visam o enfrentamento do racismo na sociedade. A exposição dos jovens a mensagens de socialização étnico-racial escolar foi medida perguntando, por exemplo: “Seus professores ensinam sobre desigualdade racial nos Estados Unidos?”. Já as ações antirracismo foram examinadas por meio do engajamento dos jovens em ações como repreender uma pessoa que usou um insulto racial ou fez uma piada racista ou participar de grupos de trabalho, liderança estudantil ou protestos sobre questões relacionadas à raça e etnia. Os resultados evidenciaram que quando os jovens são expostos a experiências escolares que abordam, em vez de evitar, conversas sobre racismo, eles têm maior propensão a se envolver em ações e atividades que combatem o racismo, por meio de iniciativas interpessoais, comunitárias e políticas. Essas constatações destacam a importância de promover a consciência crítica sobre raça e etnia, proporcionando aos jovens diálogos e oportunidades para se engajarem no combate ao racismo.

Nesta seção, apresentou-se um conjunto de mensagens de socialização étnico-racial dos pais e evidências sobre os seus efeitos no bem-estar e desenvolvimento de crianças e jovens. Embora as informações sobre raça e etnia possam ser transmitidas por todas as famílias, observou-se que a natureza das mensagens dos pais pode variar entre grupos étnico-raciais, influenciando nos tipos de mensagens transmitidas e nas razões por trás dessas transmissões. De modo semelhante, a escolha dos pais por comunicar determinadas mensagens pode ser influenciada por diferentes fatores. Na próxima seção, apresenta-se um conjunto de fatores condicionantes da socialização étnico-racial parental.

### ***Fatores condicionantes das mensagens de socialização étnico-racial***

Além das principais mensagens de socialização étnico-racial, os pesquisadores buscaram compreender quais fatores influenciam suas transmissões. Eles descobriram

que existem muitos fatores que condicionam a escolha dos pais em transmitir determinadas mensagens para os filhos, desde fatores mais individuais, como a idade e o gênero dos filhos, a fatores mais contextuais, como o local de moradia e as experiências de discriminação. Nesta seção, são fornecidas informações sobre os principais fatores condicionantes (também conhecidos como preditores ou correlatos) das mensagens de socialização étnico-racial.

Um primeiro fator com grande destaque na literatura é a idade da criança. Há evidências de que a avaliação ou as crenças dos pais sobre o nível de desenvolvimento da criança é um componente importante das suas decisões sobre quais tipos de mensagens transmitir. Em geral, a literatura indica que pais de filhos mais velhos relatam níveis mais altos de mensagens de socialização étnico-racial do que pais de filhos mais novos (Hughes et al., 2006). No entanto, existem diferenças no tipo de mensagem transmitida de acordo com a idade. Por exemplo, enquanto a socialização cultural ou as mensagens igualitárias podem ser transmitidas quando as crianças são pequenas, já que muitos pais as veem como mais adaptáveis às suas capacidades cognitivas de desenvolvimento, discussões sobre processos sociais mais complexos, como discriminação ou desconfiança frente a outros grupos, podem não surgir até as crianças atingirem a meia infância ou a adolescência (Hughes & Chen, 1997). Ou seja, à medida que a compreensão das crianças sobre questões sociais mais complexas se torna evidente para os pais, é mais provável que eles passem a comunicar mensagens de preparação para o preconceito ou de promoção da desconfiança frente a outros grupos.

O gênero da criança também pode afetar no tipo de mensagem adotada pelos pais, como demonstrado por uma série de estudos nessa área. Por exemplo, Caughy, Nettles e Lima (2011) descobriram, em uma amostra de 218 pais de crianças negras pequenas, estudantes da 1ª série, que o grupo de pais de meninos foram três vezes mais propensos a utilizar o silêncio sobre raça e etnia como estratégia de socialização do que o grupo dos pais das meninas, que foram mais propensos a utilizar a ênfase na socialização cultural.

Edwards e Few-Demo (2016), entrevistando 12 mães de crianças negras entre 4 e 5 anos, também notaram que as meninas receberam mais mensagens de socialização cultural, enquanto os meninos recebem mais mensagens de preparação para o preconceito. Para as meninas, as estratégias e mensagens incluíam dar bonecas negras e dizer às filhas que elas são bonitas para promover um sentimento de pertencimento e

e elevar a autoestima. Já as estratégias e mensagens de preparação para o preconceito eram mais comuns nos meninos, que eram encorajados a se comportar apropriadamente em público e a falar corretamente para neutralizar os estereótipos negativos associados a ser homem negro. Achados semelhantes foram referidos por Turner (2020), que notou que mães negras de baixa renda, assim como as de classe média, demonstram-se temerosas quanto à segurança de seus filhos, especialmente a dos filhos homens, e ao socializá-los, elas os encorajam a não se vestir ou se comportar de maneiras que reforcem os estereótipos dos homens negros como bandidos ou criminosos.

De modo similar, Bentley-Edwards e Stevenson (2016), em um estudo com 373 jovens negros, notaram que os meninos receberam mais mensagens de preparação para o preconceito. Os autores afirmam que os adultos demonstram uma preocupação maior com a forma como os homens negros são vistos e tratados na sociedade, e que existe a crença de que os jovens negros enfrentam mais desafios impostos pelo racismo do que as jovens negras. Para os autores, essa preocupação coaduna com experiências particulares de racismo, como a vivência de tragédias e violência policiais envolvendo jovens negros. Contudo, no estudo desses autores, homens e mulheres negras relataram de modo semelhante que haviam experimentado racismo. Assim, embora as experiências de racismo sejam equivalentes, as meninas podem estar recebendo menos orientação sobre os conflitos raciais e sobre como se preparar para enfrentá-los.

No entanto, outros estudos evidenciam que os pais de meninas negras também fornecem mensagens de preparação para o preconceito para suas filhas (e.g., Leath et al., 2021). Essa preocupação leva em conta a discriminação e a violência racial que elas estão sujeitas a vivenciar, bem como o fato de que mulheres e meninas negras são especialmente vulneráveis à violência racializada de gênero, incluindo violência doméstica, exploração e abuso sexual.

A identidade étnico-racial dos pais é outro fator associado com a socialização étnico-racial. Conforme Hughes et al. (2006), os pais para quem a identidade étnico-racial é central (ou seja, de extrema importância) e para aqueles que acreditam que seu grupo é desvalorizado socialmente podem ser mais propensos a conversar sobre discriminação com seus filhos. Por outro lado, aqueles com alta centralidade e pontos de vista favoráveis de seu grupo étnico-racial podem ser mais propensos a transmitir mensagens de orgulho do grupo para seus filhos.



As experiências de discriminação vivenciadas pelos filhos e pelos próprios pais também influenciam as mensagens de socialização étnico-racial que eles transmitem aos filhos. Por exemplo, Hughes e Johnson (2001) entrevistaram 94 pais de crianças negras, estudantes da terceira a quinta série, e descobriram que quanto mais os pais percebiam que seus filhos foram vítimas de discriminação racial, mais mensagens de preparação para o preconceito e de promoção da desconfiança eles transmitiram aos filhos. Similarmente, Hughes (2003) mostra que pais que sofrem discriminação racial transmitem mais mensagens de preparação para o preconceito, possivelmente porque antecipam que seus filhos enfrentarão discriminação racial. Já Saleem et al. (2016) observaram que a discriminação sofrida pelos pais estava associada a uma maior promoção de mensagens de desconfiança para adolescentes negros, de ambos os sexos. Entretanto, Hughes e Chen (1997) afirmam que fatores estressantes, como pobreza, ser pai/mãe solo e falta de moradia, podem impedir certos tipos de socialização étnico-racial, independentemente da exposição dos pais à discriminação racial, porque tais fatores deixam os pais com pouco tempo ou menos energia para a socialização em geral.

Hughes e Chen (1997) destacaram o papel da socialização étnico-racial recebida pelos pais na própria infância e juventude com as práticas que eles realizam com os filhos atualmente. No estudo, as autoras encontraram uma relação positiva entre a socialização cultural recebida pelos pais em sua infância ou juventude com as práticas atuais de socialização cultural com seus filhos, ou seja, pais que receberam socialização cultural na infância ou juventude foram mais propensos a envolver seus filhos nesse mesmo tipo de socialização. Já Hughes et al. (2006) apontam a influência do *status* socioeconômico e da escolaridade dos pais na socialização étnico-racial dos filhos. Os autores afirmam que pais negros de renda mais alta e mais instruídos, por reconhecerem mais preconceito e discriminação do que seus pares de baixa renda menos instruídos, podem promover mais práticas de socialização com seus filhos. Observa-se que pais de renda mais alta e com mais anos de escolaridade estão mais propensos a fornecer mais mensagens de socialização cultural e de preparação para o preconceito.

Outro fator que influencia a prevalência de mensagens socializadoras é o local de moradia. Por exemplo, em bairros ou comunidades nas quais a discriminação não é saliente, a transmissão de mensagens sobre preparação para o preconceito e a promoção da desconfiança pode não ser muito comum. Nesse contexto, a ênfase no silêncio pode

ser mais frequente. Enquanto em contextos nos quais a discriminação é saliente, pais de crianças e jovens minorizados podem transmitir mais mensagens de socialização cultural, de promoção da desconfiança e de estratégias de enfrentamento da discriminação (Caughy, Nettles, & Lima, 2011; Hughes et al., 2006). Já mensagens igualitárias podem ser mais frequentes entre aqueles pais moradores de bairros ou comunidades multiétnicas ou quando eles estão em uma minoria numérica (Hughes et al., 2006). Contextos outros, como as regiões do país, marcadas por diferentes composições étnico-raciais e padrões de relações intergrupais, podem influenciar as mensagens de socialização étnico-racial dos pais (Hughes et al., 2006).

Um último fator a ser abordado neste trabalho é a consciência dos pais sobre a existência do racismo e dos seus próprios preconceitos. Pais que acreditam que o racismo não existe ou que não é um problema social relevante costumam não discutir raça e etnia com seus filhos, optando pelo silêncio ou pelo *color-blind*. Já pais conscientes sobre a existência do racismo e do seu próprio preconceito podem envolver mais seus filhos em uma socialização da consciência crítica. Sobre isso, Perry, Skinner e Abaied (2019) descobriram que uma maior certeza sobre a existência do preconceito racial por pais brancos (isto é, até que ponto eles estão cientes e preocupados com seus próprios preconceitos) foi associada a uma maior disposição para discutir raça e etnia com seus filhos, maior consciência da raça e etnia e maior diminuição do *color-blind* (ou seja, estão menos propensos a negar ou minimizar o racismo).

### **Considerações Finais**

O objetivo deste trabalho foi apresentar uma síntese das principais descobertas da literatura internacional sobre a socialização étnico-racial parental. Mais especificamente, foram descritas as principais mensagens sobre raça e etnia transmitidas pelos pais aos filhos, seus fatores explicativos e o que se tem de conhecimento a nível empírico acerca das suas consequências para o bem-estar e desenvolvimento infantojuvenil. Ao longo do trabalho, apresentou-se um conjunto de evidências acerca do papel protetivo de determinadas práticas parentais de socialização étnico-racial para o bem-estar e desenvolvimento de crianças e de jovens, especialmente daqueles que pertencem a grupos étnico-raciais que são vítimas de preconceito, discriminação e racismo.

Verificou-se que as práticas parentais de socialização étnico-racial são variadas e cumprem diferentes papéis a depender do seu propósito. Elas tanto podem contribuir no enfrentamento do racismo, quanto podem ser um meio para que ele persista. Notou-se, por exemplo, que existem pais que optam por não se engajar explicitamente na socialização étnico-racial, encorajando seus filhos a adotarem ideologias como o *color-blind* ou o silenciamento da raça e etnia, cooperando, assim, de forma direta ou indireta, para a persistência do racismo na sociedade. Por outro lado, existem pais que envolvem seus filhos em diálogos sobre raça e etnia de maneira proativa; seja para ajudar os filhos a entender o significado de pertencer ao seu grupo étnico-racial, incutir um sentimento de orgulho e de identidade positiva ou para alertá-los sobre eventuais situações preconceituosas e discriminatórias, fornecendo aos filhos informações de como identificar, lidar e enfrentar essas situações desafiadoras.

Evidências reunidas neste trabalho mostram que determinadas práticas de socialização étnico-racial são protetivas para o bem-estar e desenvolvimento de crianças e jovens, sobretudo para aqueles pertencentes a grupos étnico-raciais minorizados, diante de um mundo marcado por experiências estressantes e nocivas de racismo e de discriminação. A ênfase na socialização cultural, por exemplo, pode contribuir para o fortalecimento da identidade étnico-racial de crianças e jovens minorizados, bem como favorecer o seu bem-estar psicossocial. Além disso, práticas de valorização da diversidade e diálogos sobre racismo contribuem para que crianças e jovens de diferentes grupos étnico-raciais apreciem mais a diversidade étnico-racial existente e se engajem em ações de enfrentamento e combate ao racismo. Nesse contexto, destaca-se a importância de disponibilizar aos pais informações sobre como o racismo opera na sociedade e de como eles podem promover uma educação antirracista na criação de seus filhos.

Além das famílias, deve-se considerar que a responsabilidade pelo combate ao racismo é de toda a sociedade, sobretudo do Estado, que deve se voltar para a proposição de políticas públicas antirracistas e cooperar ativamente para a efetivação dessas políticas. As escolas, por sua vez, cumprem papel primordial, por meio da implementação de leis voltadas para a valorização da diversidade étnico-racial e de combate ao racismo, como as leis de nº 10.639/2003 e 11.645/2008, que tornam obrigatório o ensino da História e cultura africana, afro-brasileira e indígena nas escolas brasileiras. Ao exercerem seus papéis conjuntamente, o Estado, a sociedade, as escolas e as famílias têm o potencial de

evitar que o racismo se perpetue nas gerações futuras. Juntas, essas instituições sociais podem contribuir para a construção de uma sociedade fundamentada na justiça, no respeito e na igualdade de direitos.

Apesar deste estudo ter alcançado seu objetivo de fornecer uma síntese das principais descobertas da literatura internacional sobre a socialização étnico-racial parental, ele apresenta algumas limitações. Uma delas é que existem outras mensagens de socialização étnico-racial que não foram abordadas neste trabalho, como a promoção de mensagens racistas. Mensagens racistas são aquelas que transmitem ideias depreciativas, discriminatórias ou que enfatizam estereótipos negativos contra uma minoria étnico-racial (Neblett et al., 2008). Essas mensagens, além de negativas, podem se manifestar no contexto de famílias brancas e de outros grupos étnico-raciais que, ao internalizarem o racismo, podem transmiti-lo através das gerações (Neblett et al., 2008; Vieira, 2023). No entanto, a transmissão dessas mensagens pode ser influenciada pelo significado atribuído pelos pais a elas, podendo ter significados diferentes de acordo com o grupo étnico-racial das famílias. Estudos futuros poderiam dedicar mais atenção a esse tipo de mensagem e verificar sua transmissão no contexto de famílias brasileiras.

Uma segunda limitação é a falta de sistematização na busca pelos estudos revisados. Como mencionado inicialmente, a proposta deste trabalho foi reunir as evidências na área da socialização étnico-racial parental, por meio de uma revisão narrativa da literatura internacional, de modo que não houve uma sistematização metodológica na busca por essa literatura. No entanto, essa limitação poderá ser mitigada por revisões futuras, ao proporcionar uma descrição detalhada do percurso metodológico e da construção do corpus da pesquisa. Trabalhos de revisões sistemáticas podem ser um bom caminho para fornecer resultados ainda mais abrangentes e com maior controle das fontes e bases dos resultados das buscas.

Outra limitação deste trabalho é a ausência das contribuições da literatura nacional sobre a socialização étnico-racial, uma vez que o estudo se concentrou em descrever as contribuições da literatura internacional. Todavia, estudos nacionais indicam que a área da socialização étnico-racial está em fase de desenvolvimento no Brasil, havendo uma literatura incipiente dedicada a compreender como a raça e a etnia são abordadas nos lares brasileiros (ver França & Silva, 2021). Pesquisas futuras nessa área poderiam apresentar o estado da arte da literatura nacional e sumarizar suas principais descobertas.

Além disso, estudos futuros poderiam dar uma atenção especial à forma como os pais interpretam as mensagens que transmitem e como os filhos interpretam as mensagens que recebem. Pais e filhos podem interpretar erroneamente ou ficarem confusos com relação às mensagens que acreditam estar emitindo ou recebendo, uma vez que algumas comunicações sobre raça e etnia podem ser difíceis, equivocadas e pouco claras. Alguns pais podem acreditar estar transmitindo uma determinada mensagem, quando na verdade estão transmitindo outra, ou ainda, os filhos podem interpretar de maneira diferente as mensagens que os pais acreditam estar transmitindo. Por exemplo, Hughes et al. (2017) observaram que enquanto alguns pais relataram transmitir mensagens específicas de socialização cultural, os filhos jovens relataram receber mensagens específicas sobre a preparação para o preconceito. Outros pais relataram que seu filho adolescente era muito jovem para entender os problemas em relação à raça e etnia; enquanto os filhos relataram uma compreensão profunda dos estereótipos raciais, bem como exposição à discriminação na escola ou na vizinhança. Nesse sentido, é importante examinar como as mensagens são interpretadas ao serem transmitidas e recebidas. Para isso, é necessário verificar se as mensagens que os pais transmitem são, de fato, as que foram intencionadas por eles e se elas estão claras e sendo compreendidas pelos filhos.

Por fim, espera-se que este trabalho sirva de estímulo para futuras pesquisas no Brasil. É primordial que estudos sejam realizados no país com o propósito de examinar as práticas de socialização étnico-racial promovidas pelos pais e as consequências geradas no bem-estar e desenvolvimento das crianças e dos jovens de diferentes grupos étnico-raciais. Além disso, é fundamental que os estudiosos busquem fornecer a pais, professores, psicólogos e outros profissionais habilidades necessárias para envolver crianças e jovens em conversas saudáveis e protetivas sobre raça e etnia, a fim de reduzir os impactos do racismo e promover relações intergrupais mais positivas. A proposição de intervenções fundamentadas na área da socialização étnico-racial pode ser um caminho promissor para alcançar esses resultados.

### Referências

- Almeida, S. (2019). *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen.
- Abaied, J. L., & Perry, S. (2020). Socialization of racial ideology by White parents.

[preprint manuscript] <https://doi.org/10.31234/osf.io/yr8aw>

- About, F. E. (2008). A social-cognitive developmental theory of prejudice. In S. M. Quintana & C. McKown (Eds.), *Handbook of race, racism, and the developing child* (p. 55–71). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.
- Algarve, V. A. (2004). *Cultura negra na sala de aula: pode um cantinho de africanidades elevar a auto-estima de crianças negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas?* Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Apfelbaum, E. P., Pauker, K., Sommers, S. R., & Ambady, N. (2010). In blind pursuit of racial equality? *Psychological Science*, 21(11), 1587–1592. <https://doi.org/10.1177/0956797610384741>
- Atkin, A. L., & Ahn, L. H. (2022). Profiles of Racial Socialization Messages from Mothers and Fathers and The Colorblind and Anti-Black Attitudes of Asian American Adolescents. *Journal of Youth Adolescence*, 51:1048–1061. <https://doi.org/10.1007/s10964-022-01597-2>
- Bañales, J., Aldana, A., Richards-Schuster, K., Flanagan, C. A., Diemer, M. A., & Rowley, S. J. (2021). Youth anti-racism action: Contributions of youth perceptions of school racial messages and critical consciousness. *Journal of community psychology*, 10.1002/jcop.22266. Advance online publication. <https://doi.org/10.1002/jcop.22266>
- Banerjee, M., Byrd C., & Rowley, S. (2018). "The Relationships of School-Based Discrimination and Ethnic-Racial Socialization to African American Adolescents 'Achievement Outcomes'" *Social Sciences* 7, no. 10: 208. <https://doi.org/10.3390/socsci7100208>
- Bannon, W. M., McKay, M. M., Chacko A., Rodriguez, J. A., & Cavaleri, M. (2009). Cultural Pride Reinforcement as a Dimension of Racial Socialization Protective of Urban African American Child Anxiety. *Fam Soc.* 90(1):79-86. doi: 10.1606/1044-3894.3848.

- Bartoli, E., Michael, A., Bentley-Edwards, K. L., Stevenson, H. C., Shor, R. E., & McClain, S. E. (2016). Training for colour-blindness: white racial socialization. *Whiteness and Education*, 1:2, 125-136. doi: 10.1080/23793406.2016.1260634
- Bentley-Edwards, K. L., & Stevenson, H. C. (2016). The Multidimensionality of Racial/Ethnic Socialization: Scale Construction for the Cultural and Racial Experiences of Socialization (CARES). *Journal of Child and Family Studies*, 25(1), 96–108. doi:10.1007/s10826-015-0214-7
- Biafora, F. A., Warheit, G. J., Zimmerman, R. S., Gil, A. G., Apospori, E., Taylor, D., & Vega, W. A. (1993). Racial Mistrust and Deviant Behaviors Among Ethnically Diverse Black Adolescent Boys. *Journal of Applied Social Psychology*, 23(11), 891–910. doi:10.1111/j.1559-1816.1993.tb01012.x
- Bonilla-Silva, E. (2020). *Racismo sem racistas: o racismo da cegueira de cor e a persistência da desigualdade na América* / Eduardo Bonilla-Silva; prefácio Silvio de Almeida; Tradução: Margarida Goldsztajn. São Paulo: Perspectiva.
- Bowman, P. J., & Howard, C. (1985). Race-related socialization, motivation, and academic achievement: A study of Black youths in three-generation families. *Journal of the American Academy of Child Psychiatry*, 24(2), 134–141. [https://doi.org/10.1016/S0002-7138\(09\)60438-6](https://doi.org/10.1016/S0002-7138(09)60438-6)
- Brown, D. L., & Tylka, T. L. (2011). Racial Discrimination and Resilience in African American Young Adults: Examining Racial Socialization as a Moderator. *Journal of Black Psychology*, 37(3), 259–285. <https://doi.org/10.1177/0095798410390689>
- Burt, C. H., Simons R. L., & Gibbons, F. X. (2012). Racial Discrimination, Ethnic-Racial Socialization, and Crime: A Micro-sociological Model of Risk and Resilience. *Am Sociol Rev.* Aug;77(4):648-677. doi: 10.1177/0003122412448648.
- Castro-Atwater, S. A. (2016). Color-blind racial ideology in K-12 schools. In H. A. Neville, M. E. Gallardo, & D. W. Sue (Eds.), *The myth of racial color blindness: Manifestations, dynamics, and impact* (p. 207–225). *American Psychological Association*. <https://doi.org/10.1037/14754-013>

- Caughy, M., Nettles, S., & Lima, J. (2011). Profiles of racial socialization among African American parents: Correlates, context, and outcome. *Journal of Child and Family Studies*, 20, 491–502. <https://doi.org/10.1007/s10826-010-9416-1>
- Clark, K., & Clark, M. (1947). Racial identification and preference in Negro children. In T. Newcomb & E. Hartley (Eds.), *Readings in social psychology* (p. 169-178). New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Del Toro, J., & Wang, M.-T. (2022). Police Stops and School Engagement: Examining Cultural Socialization From Parents and Schools as Protective Factors Among African American Adolescents. *American Educational Research Journal*, 0(0). <https://doi.org/10.3102/00028312221132533>
- Doria, A. S., França, D. X., & Lima, M. E. O. (2021). Afirmação da identidade étnico-racial em crianças quilombolas e não quilombolas. *Kwanissa: Revista de Estudos Africanos e Afrobrasileiros*, v. 4, n. 8.
- Doucet, F., Banerjee, M., & Parade, S. (2018). What should young Black children know about race? Parents of preschoolers, preparation for bias, and promoting egalitarianism. *Journal of Early Childhood Research*; doi: 10.1177/1476718X16630763
- Edwards, A.L., & Few-Demo, A.L. (2016). African American Maternal Power and the Racial Socialization of Preschool Children. *Sex Roles*, 75, 56–70. <https://doi.org/10.1007/s11199-016-0633-y>
- Fernandes, F. (1966). *O Negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- França, D. X., & Monteiro, M. B. (2002). Identidade racial e preferências e em crianças brasileiras de cinco e dez anos. *Psicologia*, Vol. XVI(2), 293-323. doi: 10.17575/rpsicol.v16i2.482
- França, D. X., & Silva, K. C. (2021). *A psicologia social do desenvolvimento nas relações raciais e racismo*. São Paulo: Blucher.



- França, D. X., Silva, K. C., Oliveira, Y. N., & Moreira-Primo, U. S. (2022). Promovendo a identidade racial e as atitudes intergrupais positivas: Intervenção no ensino fundamental. *Revista da SPAGESP*, 23(2), 69-89. <https://doi.org/10.32467/issn.2175-3628v23n2a6>
- Freire, P. (1974). *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freyre, G. (2003). *Casa-grande e senzala: Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 48º ed. rev. — São Paulo: Global, 2003.
- Harris-Britt, A., Valrie, C. R., Kurtz-Costes, B., & Rowley, S. J. (2007). Perceived Racial Discrimination and Self-Esteem in African American Youth: Racial Socialization as a Protective Factor. *Journal of Research on Adolescence*, 17(4): 669–682.
- Hagerman, M. A. (2017). White racial socialization: progressive fathers on raising "antiracist" children. *Journal of Marriage and Family*, 79(1):60-74. doi:10.1111/jomf.12325
- Hoxha, D. (2010). *Examining Racial Ethnic Socialization, Ethnic Identity Development, and Their Psychological Correlates in a Sample of Ethnically Diverse Youth*. Loyola University Chicago.
- Hughes, D. (2003). Correlates of African American and Latino parents' messages to children about ethnicity and race: a comparative study of racial socialization. *Am J Community Psychol*. Mar;31(1-2):15-33. doi: 10.1023/a:1023066418688.
- Hughes, D, Rodriguez J, Smith E. P., Johnson D. J., Stevenson H. C., & Spicer P. (2006). Parents' ethnic-racial socialization practices: a review of research and directions for future study. *Dev Psychol*. Sep;42(5):747-70. doi: 10.1037/0012-1649.42.5.747.
- Hughes, D., & Chen, L. (1997). When and what parents tell children about race: An examination of race-related socialization among African American families. *Applied Developmental Science*, 1(4), 200–214. [https://doi.org/10.1207/s1532480xads0104\\_4](https://doi.org/10.1207/s1532480xads0104_4)
- Hughes, D., & Chen, L. (1999). The nature of parents' race-related communications to

children: A Developmental perspective. In L. Balter & C. S. Thamis-LeMonda (Eds.), *Child Psychology: A Handbook of Contemporary Issues*. Philadelphia: Psychology Press.

Hughes, D., & Johnson, D. (2001). Correlates in Children's Experiences of Parents' Racial Socialization Behaviors. *Journal of Marriage and Family*, 63: 981-995. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2001.00981.x>

Hughes, D., Rivas, D., Foust, M., Hagelskamp, C., Gersick, S., & Way, N. (2008). How to catch a moonbeam: A mixed-methods approach to understanding ethnic socialization processes in ethnically diverse families. In S. M. Quintana & C. McKown (Eds.), *Handbook of race, racism, and the developing child* (p. 226–277). John Wiley & Sons, Inc..

Hughes, D., Witherspoon, D., Rivas-Drake, D., & West-Bey, N. (2009). Received ethnic–racial socialization messages and youths' academic and behavioral outcomes: Examining the mediating role of ethnic identity and self-esteem. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 15(2), 112–124. <https://doi.org/10.1037/a0015509>

Hughes, D., Harding, J., Niwa, E. Y., Toro, J. D., & Way, N. (2017). Racial socialization and racial discrimination as intra- and intergroup processes. In Rutland, A., Nesdale, D., & Brown, C. S. (Eds.), *The Wiley handbook of group processes in children and adolescents* (p. 241–268). John Wiley. <https://doi.org/10.1002/9781118773123.ch12>

Huguley, J. P., Wang, M.-T., Vasquez, A. C., & Guo, J. (2019). Parental ethnic–racial socialization practices and the construction of children of color's ethnic–racial identity: A research synthesis and meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 145(5), 437–458. <https://doi.org/10.1037/bul0000187>

Kiang, L., Supple, A. J., & Stein, G. L. (2019). Latent Profiles of Discrimination and Socialization Predicting Ethnic Identity and Well-Being Among Asian American Adolescents. *Journal of Research on Adolescence*. doi:10.1111/jora.12403

- Leath, S., Butler-Barnes, S., Ross, R., & Lee-Nelson, Z. (2021). What Happens If They Come for You? An Exploration of Mothers' Racial Socialization on Discrimination With Black College Women. *Psychology of Women Quarterly*, 45(2), 194–211. <https://doi.org/10.1177/0361684320979679>
- Lingras, K. A. (2021). Talking With Children About Race and Racism. *J Health Serv Psychol*, 47, 9–16. <https://doi.org/10.1007/s42843-021-00027-4>
- Lima, M. E. O. (2020). *Psicologia social do preconceito e do racismo*. São Paulo: Blucher Open Access, 142p.
- Liu, L. L., & Lau, A. S. (2013). Teaching about race/ethnicity and racism matters: An examination of how perceived ethnic racial socialization processes are associated with depression symptoms. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 19(4), 383–394. <https://doi.org/10.1037/a0033447>
- Moreira-Primo, U. S., & França, D. X. (2020). Experiências de racismo em crianças: o que acontece no cotidiano escolar? *Revista UNIABEU*, v. 13, n. 33, p. 24-44. <https://doi.org/10.46375/uniabeu.v13n33.3980>
- Neblett, E. W., Jr., White, R. L., Ford, K. R., Philip, C. L., Nguyễn, H. X., & Sellers, R. M. (2008). Patterns of racial socialization and psychological adjustment: Can parental communications about race reduce the impact of racial discrimination? *Journal of Research on Adolescence*, 18, 477–515. <https://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2008.00568.x>
- Neblett, E. W., Jr., Rivas-Drake, D., & Umaña-Taylor, A. J. (2012). The Promise of Racial and Ethnic Protective Factors in Promoting Ethnic Minority Youth Development. *Child Dev Perspect*, 6: 295-303. <https://doi.org/10.1111/j.1750-8606.2012.00239.x>
- Pahlke, E., Bigler, R. S., & Suizzo, M.-A. (2012). Relations Between Colorblind Socialization and Children's Racial Bias: Evidence From European American Mothers and Their Preschool Children. *Child Development*, 83(4), 1164–1179. [doi:10.1111/j.1467-8624.2012.01770.x](https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2012.01770.x)

- Park, I. J. K., Du, H., Wang, L., Williams, D. R., & Alegria, M. (2020). The Role of Parents' Ethnic-Racial Socialization Practices in the Discrimination-Depression Link among Mexican-Origin Adolescents. *J Clin Child Adolesc Psychol.*, 53, 49(3), 391–404. <https://doi.org/10.1080/15374416.2018.1547969>
- Perry, S. P., Skinner, A. L., & Abaied, J. L. (2019). Bias awareness predicts color conscious racial socialization methods among White parents. *Journal of Social Issues*, 75, 1035–1056. <https://spssi.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/josi.12348>
- Phinney, J. S., & Chavira, V. (1995). Parental ethnic socialization and adolescent coping with problems related to ethnicity. *Journal of Research on Adolescence*, 5, 31-54.
- Priest, N., Walton, J., White, F., Kowal, E., Baker, A., & Paradies, Y. (2014). Understanding the complexities of ethnic-racial socialization processes for both minority and majority groups: A 30-year systematic review. *International Journal of Intercultural Relations*, 43(Part B), 139–155. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2014.08.003>
- Ribeiro, B. S. (2022). *Socialização étnico-racial e silêncio sobre raça entre universitários*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista De Enfermagem*, 20(2), v–vi. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>
- Saleem, F.T., & Byrd, C. (2021). Unpacking school ethnic-racial socialization: A new conceptual model. *Journal of Social Issues*, 77: 1106–1125. <https://doi.org/10.1111/josi.12498>
- Saleem, F. T., English, D., Busby, D. R., Lambert, S. F., Harrison, A., Stock, M. L., & Gibbons, F. X. (2016). The Impact of African American Parents' Racial Discrimination Experiences and Perceived Neighborhood Cohesion on their Racial Socialization Practices. *Journal of youth and adolescence*, 45(7), 1338–1349. <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0499-x>

- Spencer, M. B. (1983). Children's cultural values and parental child rearing strategies. *Developmental Review*, 3(4), 351–370. [https://doi.org/10.1016/0273-2297\(83\)90020-5](https://doi.org/10.1016/0273-2297(83)90020-5)
- Stein, G. L., Coard, S. I., Gonzalez, L. M., Kiang, L., & Sircar, J. K. (2021). One talk at a time: Developing an ethnic-racial socialization intervention for Black, Latinx, and Asian American families. *Journal of Social Issues*, 77(4), 1014-1036.
- Stevenson, H. C., Reed, J., Bodison, P., & Bishop, A. (1997). Racism Stress Management: Racial Socialization Beliefs and the Experience of Depression and Anger in African American Youth. *Youth & Society*, 29(2), 197–222. <https://doi.org/10.1177/0044118X97029002003>
- Stevenson, H. C., Herrero-Taylor, T., Cameron, R., & Davis, G. Y. (2002). “Mitigating instigation”: Cultural phenomenological influences of anger and fighting among “Big-Boned” and “Baby-faced” African American youth. *Journal of Youth and Adolescence*, 31, 473–485. <https://doi.org/10.1177/0095798402028002002>
- Strain, S. F. (2017). "White Families and Racial Socialization: A Review". *American Cultural Studies Capstone Research Papers*. 7. [https://cedar.wvu.edu/fairhaven\\_acscapstone/7](https://cedar.wvu.edu/fairhaven_acscapstone/7)
- Turner, J. L. (2020). Black Mothering in Action: The Racial-Class Socialization Practices of Low-Income Black Single Mothers. *Sociology of Race and Ethnicity*, 6(2):242-253. doi:10.1177/2332649219899683
- Vieira, F. S. (2023). *Transmissão transgeracional da opressão racial internalizada: efeito moderador da identidade social*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). ISPA-Instituto Universitário, Portugal.
- Vittrup, B., & Holden, G. W. (2011). Exploring the impact of educational television and parent–child discussions on children's racial attitudes. *Analyses of Social Issues and Public Policy (ASAP)*, 11(1), 82–104. <https://doi.org/10.1111/j.1530-2415.2010.01223.x>

- Wang M. T., & Huguley J. P. (2012). Parental racial socialization as a moderator of the effects of racial discrimination on educational success among African American adolescents. *Child Dev.*, 83(5):1716-31. doi: 10.1111/j.1467-8624.2012.01808.x.
- Wang, M.-T., Henry, D. A., Smith, L. V., Huguley, J. P., & Guo, J. (2020a). Parental ethnic-racial socialization practices and children of color's psychosocial and behavioral adjustment: A systematic review and meta-analysis. *American Psychologist*, 75(1), 1–22. <https://doi.org/10.1037/amp0000464>
- Wang, M.-T., Smith, L.V., Miller-Cotto, D., & Huguley, J.P. (2020b), Parental Ethnic-Racial Socialization and Children of Color's Academic Success: A Meta-Analytic Review. *Child Dev.*, 91: e528-e544. <https://doi.org/10.1111/cdev.13254>